Por Gilberto Ungaretti

Nordeste a remo

AMIGOS DO REMO Christian e Agnaldo: o rumo mudou em cima da hora, mas a disposição continuou a mesma

Na última hora, eles tiveram de mudar radicalmente de rumo. Mas não perderam a viagem e foram de Recife a Fortaleza com um caiaque

A idéia, meio maluca, surgiu em 1999, quando o então engenheiro Christian Fuchs foi convidado por amigos para dar a volta na Ilha Grande com um caiaque. Foram três dias e cem quilômetros remando, com uma embarcação aparentemente frágil. Nada aconteceu, a não ser a descoberta de um enorme prazer. A partir daí, ele contraiu de vez o vírus da canoagem. E não parou mais de remar. "O caiaque é a bicicleta dos mares. Nenhum meio oferece tanta autonomia e liberdade na água: basta remar, sem o barulho de motor, numa velocidade perfeita para apreciar a paisagem e interagir com ela", defende o remador, que já protagonizou expedições do Rio de Janeiro até Santos, de Salvador ao sul da Bahia e deu a volta na Ilhabela, entre outras peripécias.

"Minha curtição sempre foi ir aumentando o desafio. Daí, veio a idéia de conhecer o litoral nordestino pelo mar e a remo, é lógico!", conta Fuchs, que é o idealizador da Aroeira Outdoor, operadora que oferece cursos e viagens em caiaques oceânicos. Para esta viagem, ele optou por um caiaque oceânico de dois lugares e chamou o amigo Agnaldo Gomes para ir junto. "Programamos sair sem a preocupação de bater nenhum recorde, e sim curtir o belo visual", conta.

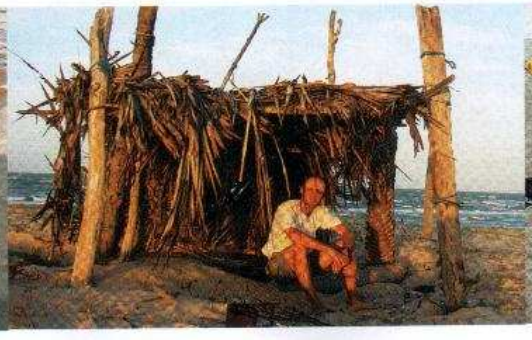
O primeiro trecho seria de Recife a Salvador. Ao chegar à capital de Pernambuco, porém, eles foram obrigados a mudar radicalmente de rumo. O vento e a correnteza eram de sudeste. Isso significa que só pegariam pauleiras pelo caminho. "Os jangadeiros disseram que embarcações pequenas, como um caiaque, não tinham a mínima chance de 'subir' para Salvador", lembra Fuchs. Na língua nativa, "subir" significa rumar para o sul, e não para o norte, como dizemos, baseados na posição do mapa. Eles "descem" para o norte, pela simples razão de que é para lá que o vento sopra na maior parte do ano. "Então, invertemos a rota e 'descemos' para Fortaleza", brinca o remador. Decisão acertada. O que seria o inimigo virou o maior aliado na viagem.

Para aproveitar os ventos favoráveis, eles improvisaram uma pequena vela na proa do caiaque, que, sozinha, aumentou a velocidade do barco em 2 nós. Com isso, passaram a "navegar" a 5,5 nós de média, com picos de 9 nós, nada mal para um caiaque. Nesse ritmo, já no segundo dia eles estavam na Paraíba. "Navegamos sempre por dentro das barreiras de recifes que margeiam a região. Mas é preciso conhecer as entradas e saber a hora certa para passar, o que só os pescadores locais podem explicar", adverte.

Por precaução, eles instalaram também na proa duas típicas carrancas nordestinas, para "afugentar os maus espíritos". Ao que parece, deu certo, já que ao longo da travessia, que durou 22 dias e venceu 820 quilômetros de mar, nada de ruim aconteceu. Bem, quase nada, porque uma das carrancas não resistiu ao impacto com as ondas na proa do caiaque e se perdeu no mar. Além disso, o caiaque encalhou em um banco de areia, depois, atropelou uma pedra submersa e, ainda por cima, capotou na Barra do Cunhaú, apanhado por um enorme vagalhão. "Foi o pior capotamento da minha vida", jura Fuchs.

Ao passar pela Barreira do Inferno, base brasileira de lançamento de foguetes, cujo acesso é proibido, a Aeronáutica entrou em alerta. "Enviaram um helicóptero para dar uma olhada em nosso 'torpedo' amarelo". Perto de Genipabu, o vento lançou o caiaque sobre as ondas. "De repente, apareceram umas tartarugas gigantes como nunca tínhamos visto. E, para dar mais emoção, detectamos a primeira barbatana negra da viagem passando bem ao nosso lado. Mas era tanta onda que o tubarão nem sentiu nossa presença. Por via das dúvidas, adotamos a remada curta, com os dois braços bem encolhidos...", ri.

Por causa da posição da costa, essa faixa do litoral do Nordeste é um dos poucos lugares do Brasil em que o sol nasce e se põe no mar. "Foi emocionante testemunhar esse fenômeno", dizem os parceiros de expedição, que dormiam nas praias aonde chegavam e acampavam — por segurança, ao lado do próprio caiaque.

Já em Morro Branco, no Ceará, a dupla trocou o caiaque por uma jangada e se juntou a um grupo de pescadores. "Velejamos 30 quilômetros em direção ao oceano, sem bússola, GPS, nada, só no cheiro. Passamos 11 horas no mar", espantam-se Fuchs e Agnaldo, que navegaram várias vezes ao lado dos jangadeiros cearenses. E, de certa forma, com um barco tão precário quanto as próprias jangadas.

NAS PRAIAS Eles paravam onde dava e dormiam na própria areia, sem reclamar do desconforto